

CONVIVÊNCIA (2009) MST: PARA O DESENVOLVIMENTO DE EXPERIÊNCIAS NA EXTENSÃO

Coordenador: SINARA SANTOS ROBIN

Autor: MARIELE GIOVANAS

O presente trabalho é elaborado a partir da aproximação de estudantes, técnicos administrativos e professores da universidade junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, assentamento Santa Rita de Cássia (Nova Santa Rita/RS), no período de 25 a 30 de julho de 2009. A aproximação se dá através do Programa Convivência, promovido pelo Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) - UFRGS, que visa ser uma oportunidade de conviver junto às comunidades rurais e urbanas. O programa coloca-se como uma iniciativa que nos possibilita conhecer de perto a realidade social que nos é próxima, para elaborarmos propostas de diálogo da universidade com a sociedade onde está inserida. Existem diferentes entendimentos sobre "o que é extensão universitária", que vão de propostas para elaboração de cursos e atividades culturais, aproximando os conhecimentos produzidos pela universidade daqueles conhecimentos organizados no seio das comunidades (relação dialógica), até a compreensão de que a extensão deve ter o caráter de prestação de serviços. Estes serviços "acabam" sendo parte da política financeira das universidades, tendo como papel afrouxar o "estrangulamento" causado pelo insuficiente repasse de verbas para a educação, por parte do governo federal, tornando a extensão uma venda de serviços para a população. O entendimento sobre "extensão social" parte da concepção de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na formação discente, e forma articuladora do trabalho docente. Formação discente e trabalho docente que, ao mediar a relação entre sociedade e universidade, explicitam parte da função social de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES). Por isso, consideramos importante a aproximação desta com os movimentos sociais (MS), compreendendo os MS como espaços de construção de conhecimentos e de luta por justiça, igualdade e democracia. O MST está completando 25 anos e tem seu nascimento na luta dos Trabalhadores Rurais Sem Terra contra a desigualdade no campo, onde a distribuição de terras era concentrada nas mãos de poucos latifundiários. Só no Rio Grande do Sul foram assentadas mais de treze mil famílias em propriedades onde a terra não cumpria sua função social (aproveitamento racional e adequado dos recursos naturais, a preservação do meio ambiente e a observância das disposições que regulam as relações de trabalho, índice de produtividade). A concentração de terras e a

"maquinarização" do campo agravaram o êxodo rural dos trabalhadores camponeses que, como alternativa, buscaram as grandes cidades com a esperança de encontrar melhores condições de vida. Esse movimento em massa dos trabalhadores do campo para a cidade não foi absorvido em sua totalidade pelas oportunidades de emprego que o meio urbano oferecia, contribuindo para o inchaço das comunidades de periferia e o crescente desemprego com que convivemos nas cidades. Neste sentido, as ações do MST se focalizam também nas grandes periferias urbanas, incentivando a volta dos filhos e netos dos camponeses ao meio rural, onde a organização dos trabalhadores tem sido importante para aumentar as possibilidades de uma vida digna à população. Sendo o maior movimento social da América Latina, o MST consegue avanços importantes para a classe trabalhadora, tanto na luta pela reforma agrária quanto por educação de qualidade, saúde e outros direitos básicos. Ao mesmo tempo em que os trabalhadores avançam, avançam também a repressão e a criminalização deste movimento. Como exemplo recente, temos a desvinculação das Escolas Itinerantes da educação estadual, promovida pelo Ministério Público que em outros momentos declarou a intenção de dissolver o MST, quebrar sua espinha dorsal e declarar sua ilegalidade. Questionar os rumos da sociedade e as desigualdades inerentes a organização social capitalista, através de manifestações legítimas, dá cadeia e alguns ferimentos. Isso deixa exposta a opção por criminalizar os movimentos sociais e, neste embate, o estado do Rio Grande do Sul conta com o apoio dos grandes grupos empresariais que detém os meios de comunicação. Buscando um conhecimento sobre o MST, que vá para além da aparência, realizamos este período de convivência em um assentamento, realizando saídas para conhecer um acampamento e outros assentamentos da região. A título de esclarecimento, no acampamento é onde ocorrem os primeiros processos na luta pela terra. Debaixo dos barracos de lona preta, as pessoas/famílias utilizam a ocupação de terras para denunciar a demora, ou no processo de reconhecimento dos latifúndios que não cumprem sua função social, ou na desapropriação de terras já identificadas como improdutivas. Os assentamentos são as áreas onde já foi feito o processo de reforma agrária e as pessoas se organizam no sentido de construir moradias e trabalhar na produção em seu lote. Os objetivos desta convivência foram: realizar a imersão em uma área de Reforma Agrária para conhecer a realidade desta comunidade; compreender como se organiza um movimento social de luta pela terra; realizar uma brigada de solidariedade e trabalho voluntário no MST; conviver junto à um acampamento e compreender a função social deste; conhecer a Escola Itinerante como proposta educacional e pedagógica alternativa; conviver com assentados e acampados militantes; conhecer o funcionamento da produção cooperativa do MST na Cooperativa de Produção Agropecuária

de Nova Santa Rita (COOPAN). Foram sete estudantes envolvidos no processo, após seleção e debates de formação, ficaram alojados separadamente nas casas, conhecendo e trabalhando na produção agrícola do assentamento. Estes são oriundos de diferentes cursos da UFRGS. Neste período, realizamos saídas ao acampamento 1º de abril, em Charqueadas, e aos assentamentos de Itapuí e Capela de Santana onde conhecemos o processo de luta e organização do acampamento, a história dos assentamentos, a luta por educação dentro destas comunidades e a organização de uma cooperativa de trabalhadores e trabalhadoras que completa 15 anos - a COOPAN. Somadas a estas atividades, na sede do assentamento organizamos dois momentos de debates temáticos sobre o "MST e a luta pela reforma agrária" e a "Educação do movimento e as Escolas Itinerantes". Ao final, como atividade de encerramento, foi apresentada uma mística de solidariedade aos integrantes do MST, feita uma avaliação do processo e uma reflexão sobre "O papel das universidades junto aos movimentos sociais". Com o acúmulo obtido nesta convivência, constatamos que a universidade se encontra em situação de grande afastamento em relação aos movimentos sociais, que há necessidade de esforços para a aproximação tendo em vista a relevância destes na formação, conscientização e organização política da população. Este é um compromisso a ser assumido pela universidade, para que os conhecimentos produzidos sejam referenciados com o horizonte voltado a superação das desigualdades sociais, causadas pela lógica do capital fundamentada na exploração de um ser humano por outro e na exploração desenfreada da natureza para a obtenção de lucros. Apontamos também para perspectivas de trabalho da universidade junto aos movimentos sociais no que diz respeito à educação, saúde, produção rural, agro ecologia, etc. Por fim, ressaltamos a importância do Programa Convivência para desenvolver experiências comprometidas de extensão, possibilitando o contato direto com as comunidades e o diálogo entre os diferentes conhecimentos produzidos